

Quem disser o contrário é porque tem razão

Letras sem tretas

Mário de Carvalho

Guia prático de escrita de ficção

Nota Prévia

Este livro não é um trabalho académico.

*Ao correr da pena, reúne e dá sequência a observações empíricas surgidas da experiência escrita, da memória do autor e duma ou outra consulta em segunda mão. Trata-se de um **guia prático**, a modos de expositor ou manual de escrita, e não de uma obra de indagação ou divulgação científica.*

Mesmo nesta concisa perspectiva, não consegue ser definitivo e irrevogável, apesar da audácia estouvada e do afinco compilatório do autor. Há bibliotecas e bibliotecas a arder de indignação por não terem sido mencionadas. Pois não foram. Umhas para não avolumar, outras porque não ocorreram e outras ainda porque este vosso amigo não as alcançou. Sem querer vazar os mares à colherada, a água nem deu para meio balde.

O autor não tenciona, nem de longe, nem de perto, atrever-se ao terreno da teorização narratológica e visa muito aquém dos estudos literários. Pretende tão-só, num itinerário vagamundo, desvendar uns poucos caminhos, anotar-lhes as curvas e contracurvas, prevenir dos salteadores e trapaceiros, e indicar algumas razoáveis estalagens.

O livro em nada acrescenta a ciência dos estudiosos da área. O tom coloquial, mesmo familiar, é disso sinal. Mas admito que possa fazer alguma falta aos que não forem especialistas nela. Abundam as referências, as citações e as transcrições, em especial de autores que já não têm ocasião de protestar.

Foi escrito sem exageros de internet (salvo confirmações, confronto de originais, uma data ou outra), mas recomenda-se vivamente que seja completado e pensado com o apoio desse prodígio dos dias de hoje que catalisa e multiplica conhecimentos.

Não há que estranhar a escassez de referências a escritores vivos. Não houve precisão de desinquietá-los, nem eles carecem de menção. Todas as susceptibilidades podem, assim, permanecer intactas e triunfais. Pior para o autor destas linhas, que reteve a ocasião de elogiar.

A utilização do masculino (velha prática que uma leitura informada reconhece) tem um óbvio alcance inclusivo, dispensando concessões ao literalismo, soturna ameaça de que, neste território, convém fugir a sete pés.

MdC

1

Volta e meia, certa história oriental é recordada, numa versão ou noutra. No cinema também já apareceu. Retomo hoje a tradição. Uma mulher queixa-se a um juiz: «A minha vizinha roubou-me a cabra, o mel e o homem. Faz-me justiça.» E o juiz diz-lhe: «Tens razão.» Mal ela sai, rompe a vizinha pela casa do juiz aos gritos: «Foste enganado por aquela mulher. O homem, a cabra e o mel sempre foram meus. Ela é que mos roubou.» «Tens razão», confirma o juiz. A mulher do juiz, que tinha ouvido tudo, interpelou-o, agastada: «Como é que foste dar razão a duas criaturas que afirmam exactamente o contrário?» Responde o juiz: «Tens razão.»

Ao fim de dois mil e tal anos de debates sobre literatura e áreas afins, com opulência de saber e conhecimento, parece-me ser este o estado da arte e provavelmente não passará daqui.

Fervilham por aí uns livros ditos de auto-ajuda que pretendem ensinar os novos autores a escrever. Instalou-se uma movimentada indústria conselheiral, popular e cansativa. De uma forma geral, esses livros são inofensivos. Mas não poucos abusam da benevolência e boa-fé dos principiantes. Assertivos, peremptórios, simplificadores, seguem os princípios da

linguagem publicitária. É próprio de quem pretende ganhar dinheiro à custa dos outros. Muitas vezes começam pelo auto-elogio. Fiz e aconteci, vendi tantos e tantos exemplares, estive em tal ou tal sítio, fui elogiado por A e por B, conferenciei no Gabão, etc... Música celestial. Vai-se ver e a obra produzida é mole, clandestina e insignificante. O alarido autopromocional é sinal quase certo de palco trampolineiro. Os elogios na epígrafe ou na contracapa lembram os testemunhos dos doentes curados acerca do elixir milagroso.

Pretende-se dar a impressão de que todos estes temas e procedimentos são simples e redutíveis a definições, chavetas e listas. No entanto, o leitor facilmente se aperceberá, se não lhe interessar a banha reptilária, que a maioria das matérias de que vamos ocupar-nos dava, em si, para um livro. Algumas, até, para bibliotecas. No meu caso, aposto que depois deste volume impresso me hão-de ocorrer outras coisas. Faltar-me-á aprender muito mais do que nele se contém.

Não que inexistam milagres. Há-os. Mas deles não trata a modéstia deste livro. Não que não haja génios. Abundam os génios. Mas esta obrazita também não compromete os génios. Visa apenas uma prática mais informada do ofício por escritores a quem ainda não foi diagnosticada a genialidade. Aqueles para quem, lembrando um verso de Petrarca que Camões gostava de citar, «entre a mão e a espiga existe o muro». Também, não se podendo evitar a terceira-pessoa-do-singular-do-presente-do-indicativo-do-verbo-ser, nem algumas asserções, nem alguns superlativos (ou o contrário), fica aqui desde já declarado que todas as afirmações são para tomar *cum grano salis* (com um grãozinho de sal). Uma porção de antídoto. Pratique-se a dúvida

sistemática. Se o exercício da dúvida produz maus anúncios, pode, em contrapartida, gerar melhores escritores.

O acaso, por seu lado, costuma intrometer-se a baralhar uma situação em que milagres e genialidades já causaram os seus problemas. Mas se o acaso intervém na história das civilizações porque não há-de fazer das suas na vida dos indivíduos? «Ele tem sorte?», perguntou Napoleão quando lhe sugeriram a promoção de certo militar a general. Nesse particular, nada se pode acrescentar, a não ser repetindo que a fortuna (um pseudónimo do acaso) ganha em ser ajudada. E até agradece.

Convém desfazer um equívoco logo à partida, e duma vez por todas. Quando falo em «escritor», refiro-me aos ficcionistas, com vénia aos dramaturgos e aos poetas. Ponto. A razão da advertência é que, no mundo de língua inglesa, *writer* designa quem quer que tenha como ocupação o escrever (não digo «a escrita» para não misturar no caso os contabilistas). Vale para a publicidade, guionismos vários, didascálias de banda desenhada, receitas de cozinha, *bricolage*, legendas de fotografias ou aconselhamento psicológico. Por isso ficamos perplexos quando ao lado, por exemplo, dos mandamentos de Henry Miller nos aparecem os palpites dos gurus da publicidade. Naquele universo cultural são todos «escritores». Escusaria de fazer esta precisão se não tivesse verificado que, ao toque duma pressão cultural suserana, algumas pessoas com voz pública dão mostras de traduzir à letra do inglês.

Se isto é assim com o inglês (já ocorreu, em tempos, doentamente, com o francês), tremo do que acontecerá quando os modelos inspiradores começarem a exprimir-se em mandarim.

Já agora, com a mão na massa, convém lembrar que o uso de expressões latinas, como outras de línguas alheias — inevitáveis —, não pretende ser exibição de sabença. Aliás, manda um velho preceito de origem aristocrática que, em se sabendo latim, é de bom-tom não o exhibir. Por maioria de razão, quando não se sabe, que é o meu caso.

Quando escrevemos *in medias res* ou *quod erat demonstrandum* ou *ad lib* repetimos tão-somente fórmulas reiteradas e consabidas, de uso universal, que atalham problemas e poupam algumas prolixidades.

Ainda a propósito das receitas criativas, lembro a resposta que teria dado Alexandre Dumas, filho (*A Dama das Camélias*), quando lhe perguntaram o melhor método para escrever uma peça de teatro: «Não tem dificuldade», respondeu o dramaturgo. «Compre um caderno, forre-o muito bem e na primeira linha escreva *I.º Acto*. Quando chegar ao fim do caderno, a peça está pronta.»

Eu vou ser mais generoso na demonstração, embora, se ca-lhar, menos imaginativo na fórmula e menos competente na escrita. Mas uma coisa posso garantir. Pensar que se fica apto a escrever depois de ler um compêndio de escrita criativa é o mesmo que julgar se passa a dominar uma língua após ter comprado um dicionário.